

Em 11 de novembro de 2005 Angola comemorou 30 anos de independência. As três décadas do Estado Nacional estão quase integralmente inseridas em 43 anos de intensos e ininterruptos conflitos armados, uma guerra que se arrastou até o início deste século e a ONU chegou a classificar como a “tragédia esquecida” angolana.

a n t e n a s

As fotografias de Sérgio Guerra que registram a abundância das antenas parabólicas em Luanda atestam a voracidade dos angolanos por atualidade, participação “em tempo real” nas promessas do mundo contemporâneo globalizado e, ao mesmo tempo, ensejam uma interpelação contundente a nossas visões da África que nos é mais próxima.

Existe um equívoco no cerne de toda avaliação estética de fotos.

Susan Sontag



As antenas de Luanda flagradas por Sérgio Guerra produzem em quem as contempla, antes de qualquer outra coisa, uma quase indizível perplexidade. As imagens não são alheias a outras paisagens urbanas periféricas, mas surpreendem em várias dimensões. De imediato, pela insistência do tema nas diversas fotografias, sempre as mesmas e sempre outras. As antenas gravadas na superfície plana da fotografia constituem um texto enigmático, para o nosso marcado – e restrito – horizonte de leitura da contemporaneidade africana.



As parabólicas, um signo da prevalência contemporânea dos meios (e da parafernália tecnológica que lhes dá condição de possibilidade), embora sejam familiares, não se harmonizam com o acervo de imagens que ainda hoje simbolizam a África. Constituído ao longo do último século pelo fascínio que o continente exerce sobre uma infinidade de fotógrafos, movidos por demandas várias, que vão do trabalho etnográfico à sedução turística, o estoque de visões da África se caracteriza pelo registro da sua radical diferença, como entidade geográfica e coletividade racial marcadas pela sujeição. A primeira inquietação provocada pela série de fotografias das antenas angolanas decorre desta confluência entre a prioridade acintosa de um elemento surpreendente, porque fora do lugar, e a ausência do reconhecível.

Um segundo olhar sobre as antenas em Luanda mobiliza ainda mais quem as contempla, pois o que se vê, além da cabal abrangência da vida globalizada, são os vestígios incontestes de algo que não se alcança. As imagens constituem uma interrogação sobre a Angola e sobre os angolanos que não vemos. Temos apenas ante os olhos, comprovado na materialidade das fotografias, o seu desejo reiterado de partilha, de participação, de atualidade.

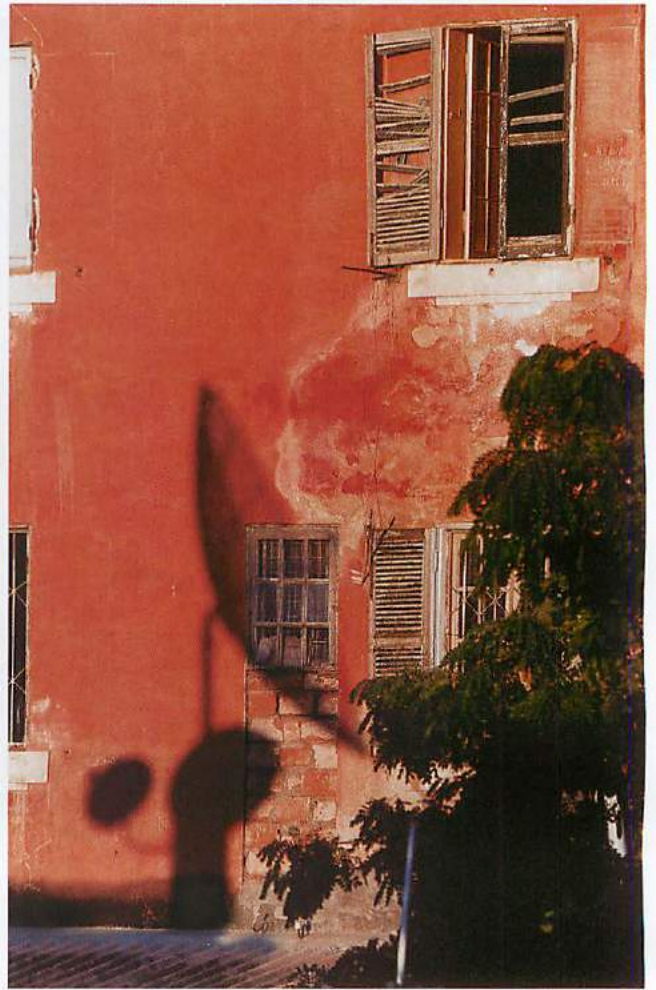


Dos países africanos de língua oficial portuguesa que hoje formam a comunidade lusófona, Angola é, historicamente, o mais íntimo do Brasil. Comprovam-no, talvez com mais imediatez do que as elaborações analíticas de estudiosos do porte de Luiz Felipe Alencastro, que destrincha a maquinaria imperial lusitana, os arquivos da burocracia colonial. Neles estão registrados os séculos de comércio de escravos e outras mercadorias, os empreendimentos que unem as duas margens do Atlântico, o câmbio dos administradores portugueses entre Bahia, Recife, Rio de Janeiro e Luanda. Em tempo mais recente, Angola é destino de iniciativas empresariais brasileiras que vão da infra-estrutura física à comunicação e à publicidade, atravessando as mais diversas atividades econômicas.

No entanto, custa-nos imaginar o angolano que consome as imagens trazidas pelas parabólicas. Ele está em geral ausente do mundo que os meios de comunicação nos oferecem cotidianamente e é inapreensível através dos parâmetros ocidentais de percepção e explicação da África. Mais grave ainda, Angola e os angolanos do presente tornaram-se quase intangíveis sob a espessa camada de desinformação e desinteresse que se sedimentou no Brasil, paradoxalmente, ao mesmo tempo em que se sedimentava o relevo da África ancestral e mítica, indispensável ao processo de dignificação e reconstrução identitária da população negro-mestiça brasileira.

A obliteração da humanidade angolana na maioria das fotos de Sérgio Guerra, entretanto, tem efeito inverso, produz uma contraposição às forças de apagamento. É uma ausência retórica, no sentido nobre que a palavra ainda pode ter, porque faz um apelo insistente à ultrapassagem da percepção fragil e quase automatizada que geralmente temos das coisas de África.

A reiteração das antenas contrabalança a sua monotonia, a sua redundância, com a diversidade dos cenários de Luanda em que se insere. As edificações que sustentam as parabólicas constituem uma narrativa suplementar, fragmentada mas contundente, da história de Angola nas últimas décadas. Um recorte temporal rigoroso evita a reprodução de ângulos da cidade de Luanda nos quais são ainda

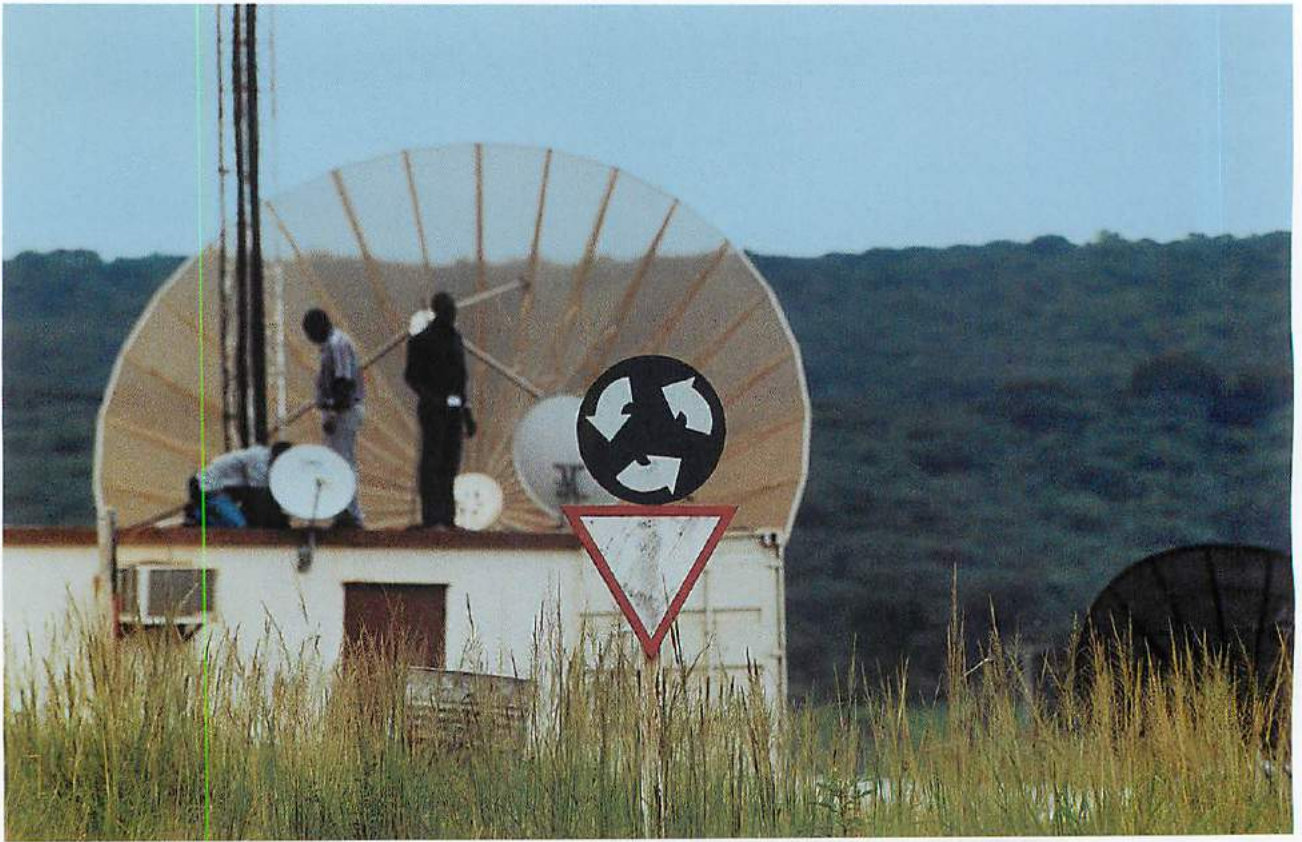


ostensivos os traços da dominação e da administração colonial portuguesa. O escravismo e a colonização são eventos históricos que se transformaram em significados canônicos da África, fixando a continuidade compacta da sujeição com a mesma intensidade com que apagam a existência atual. A persistente concentração das fotografias em elementos do presente é uma das suas estratégias de persuasão, seu convite eficaz a um renovado olhar sobre Luanda, Angola, África, e exige o deslocamento do quadro de referências ou do eixo explicativo que, embora indescartável, tem o poder de congelar no passado a temporalidade africana, de aprisionar o devir da África, subordinando-o à história das potências imperiais européias.

A Luanda que ostenta as parábólicas é uma vivaz cidade contemporânea, apesar da feição arruinada que a paisagem arquitetônica muitas vezes apresenta. As fotografias documentam esta contemporaneidade inscrita tanto nas prósperas edificações urbanas quanto nas sofridas cicatrizes de uma “modernização falhada”, em muitas dimensões.

Entre as cinco colônias portuguesas na África que empreenderam uma duríssima guerra anticolonial nas décadas de sessenta e setenta do século passado, Angola foi a última a ter a sua independência formalizada em 1975. À semelhança das demais, constituiu-se como Estado Nacional mesclando a preservação de estruturas organizativas coloniais à utopia socialista. Principalmente, como





as demais ex-colônias, a República Popular de Angola enfrentou, entre as inúmeras e previsíveis dificuldades decorrentes da duradoura intervenção colonial, o impasse da desejada mas improvável conciliação entre, de um lado, um projeto de Estado e um sentido de progresso e transformação social fundados nos pressupostos da modernidade ocidental, que formara as novas elites nacionais; de outro, a simultânea urgência do resgate e legitimação de tradições pré-coloniais e não-ocidentais.

As antenas de Sérgio Guerra também emergem de edificações destroçadas pela longuíssima guerra angolana. Luanda foi bombardeada por tropas da África do Sul aliadas a uma das facções que disputavam o poder no Estado recém-independente no mesmo ano de 1975. Desta data aos primeiros anos do século 21 o território angolano foi sangrado por ataques e combates praticamente ininterruptos. As ruínas que vislumbramos nas fotografias de Luanda são ecos ou signos pálidos, embora eloqüentes, para os corpos angolanos mutilados pelos milhões de minas que se calcula ainda ativos, sob o chão de todo o país, à espreita dos esforços de reconstrução que ousem se deixar levar pelo esquecimento da guerra recente. As construções arrombadas ou inacabadas de Angola igualmente são um suporte precário para a sua incomensurável vontade de bem-estar, de presente e de futuro, expressa no ímpeto de sintonia com o mundo através das janelas da tecnologia visual.

De certa forma secundários, em virtude da temática reiterada das fotografias, os detalhes de Luanda que as compõem produzem um intenso distúrbio na replicação das antenas parabólicas. E duplamente articulam a cena presente angolana a diferenciados momentos disto que hoje, às vezes de modo pontual e por demais singelo, denomina-se globalização e transnacionalidade. **As cicatrizes recentes na paisagem da cidade principal interpelam as redutoras ou levianas explicações da guerra em Angola como, fundamentalmente, um embate entre facções que teriam suas raízes na permanência ou na efetividade de conflitos entre etnias, na barbárie resistente aos duradouros processos coloniais de civilização e ao recente trabalho de nacionalização da sociedade civil.**

Oblitera-se ou se atenua, com a razão de fundo, duas evidências que mantêm entre si uma vasta área de intersecção. A luta entre facções de angolanos, em primeiro lugar, apresentou-se sempre como uma disputa entre diferentes apropriações da promessa ocidental de progresso e de soberania – promessa na qual se incluem o socialismo e o projeto marxista-leninista soviético. Paralelamente, a luta entre angolanos não pode ser considerada como uma guerra fratricida que se abasteceu com o estabelecimento de pactos e cumplicidades com as diferentes potências que travavam a Guerra Fria. Angola foi, ao longo de quase vinte anos, um espaço dos mais privilegiados para embates efetivos, tecnologicamente aparelhados e eficazmente mortais que envolveram Estados Unidos, União Soviética, China e Cuba.

A segunda evidência muitas vezes recalcada ou preterida está na posição estratégica do território angolano e nas suas ricas entranhas. A descolonização da África não retirou o continente da condição de fornecedor de minérios e petróleo, imprescindíveis combustíveis da economia mundializada. A participação contínua dos Estados Unidos na guerra angolana, através de consistente ajuda financeira e envio de armamentos, além de uma espécie de reconhecimento tácito da legitimidade da insurreição da UNITA contra o Estado angolano, garantiu, simultaneamente, a persistência e acirramento do conflito e a sua escassa repercussão internacional.

Nessas quase duas décadas foi abortada pelos representantes dos Estados Unidos qualquer tentativa de uma sanção da ONU à violência da intervenção em Angola. O silêncio sobre a tragédia angolana diz com veemência os limites das instituições responsáveis pelo estado de direito internacional, cujas regras, composição e missão são integralmente imersas em uma cultura histórica e numa hegemonia política adversa ou mesmo adversária às margens africanas do mundo.

Em 2005 Angola foi o segundo maior produtor de petróleo da África sub-saariana e calcula-se que nos próximos três anos a sua produção será duplicada, atingindo dois milhões de barris diários. Neste mesmo ano Angola lucrou cerca de US\$ 900 milhões com a venda de diamantes e foi classificada pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) como um dos países mais pobres do mundo (166º no índice de desenvolvimento, entre os 177 países computados). A coexistência entre riqueza e pobreza também faz parte da narrativa subsidiária que os cenários de onde emergem e com destaque as antenas parabólicas oferecem a quem observa as fotografias de Sérgio Guerra – fazem parte hoje, aliás, da paisagem de qualquer outra capital periférica.

As antenas, como os demais signos da interconexão do mundo atual, reforçam os diagnósticos daqueles que investem na compreensão do fenômeno da globalização sem o recalque das suas ambiguidades ou paradoxos, avaliando as contingências do “cosmopolitismo do pobre”. A história remota e presente de Angola que salta da imobilidade das fotografias e nos punge não é exterior à mundialização do capitalismo, às interações transnacionais, à globalização econômica, política ou cultural, em suas sucessivas e identificáveis etapas.

A proliferação das antenas na Luanda fotografada por Sérgio Guerra, entretanto, ultrapassa o domínio do conhecido, do familiar e do previsível para nos confrontar com aquilo que a exterioridade radical das imagens não pode expor – e que por isto mesmo constitui a sua mais forte interrogação: os angolanos que compartilham o nosso

presente através das janelas da tecnologia audiovisual. Os milhares de antenas de Luanda voltam-se, em sua maioria, para o Brasil, mais precisamente para a emissão internacional da Rede Globo de Televisão, que concorre em condições absolutamente assimétricas com a TPA – Televisão Pública de Angola, a única do país.

A insistente pergunta sobre como nos vêem os angolanos parece mover também o publicitário e fotógrafo brasileiro Sérgio Guerra, que trabalha em Angola. A série de fotografias das antenas, que foi publicada no livro *Parangolá: o paradoxo da redundância*, ilustrado por textos do geógrafo Milton Santos e do músico Arnaldo Antunes, dá seqüência a dois outros livros de fotografias sobre o país africano: *Duas ou três coisas que eu vi em Angola* e *Nação Coragem*. Entre os três livros há uma enorme divergência de focalização. Nos primeiros predomina a estratégia direta do flagrante etnográfico ou jornalístico, que fixa em primeiro plano a humanidade angolana ferida pela guerra ou valorizada pela diferença racial e cultural. As fotografias mais recentes das antenas optam pela provocação indireta, como um provável reconhecimento de quanto pode ter sido rotinizada na contemporaneidade – tornada, portanto, incapaz de produzir espanto e solidariedade – as imagens da África que reiteram a sua tragédia e a sua beleza distantes.

Apesar das diferenças na visão fotográfica de Angola, todas as fotos de Sérgio Guerra sobre o país parecem uma incessante seqüência de respostas a um mesmo e permanente desafio, à mesma ansiedade diante do excesso africano ou à mesma vontade de ultrapassar a enorme distância que separa, que isola de nós os angolanos, a não ser quando se trata de dar continuidade aos empreendimentos com benefício econômico, que tiveram início há tantos séculos. Os angolanos para quem a guerra, que dilacera a convivência, ensinou a substituir as várias formas da língua portuguesa para dizer adeus por um significativo apelo de proximidade: “estamos juntos”.

